

Intelectuais e consciência de classe

Root and Branch

Link: <https://libcom.org/article/intellectuals-and-class-consciousness-root-branch>

Por quase meio século, **História e Consciência de Classe**, de Georg Lukacs, foi considerado uma espécie de clássico marxista *underground*. Quando uma tradução para o inglês finalmente apareceu no ano passado, ela foi recebida com uma resenha de primeira página no *New York Times Book Review* - um velho elogio para uma coleção mofada de ensaios revolucionários. Não obstante a agradável flexibilidade da mente de Lukacs, seu marxismo hegelianizado torna esse livro bastante difícil de ler. Por que, então, em vez de ficar mofando nas prateleiras de algumas bibliotecas universitárias, ele se tornou uma espécie de Bíblia para um certo tipo de intelectual radical?

O tema central do livro é que a sociedade moderna se tornou confusa demais para os trabalhadores entenderem e que, portanto, eles só podem alcançar a "consciência de classe" quando ela lhes for inculcada por uma fonte especial de conhecimento, o Partido Comunista. Não é difícil discernir o apelo dessa posição para as pretensas fontes de conhecimento. No entanto, para aqueles que conseguem resistir à bajulação e à glória de ocupar um lugar central na história mundial, o livro de Lukács se revelará nada mais do que um ataque aos princípios fundamentais do marxismo e uma defesa dos princípios básicos da sociedade de classes.

A ideia fundamental da teoria marxiana do capitalismo é que o desenvolvimento da relação entre capitalistas e trabalhadores na sociedade capitalista coloca a classe trabalhadora em uma posição na qual ela pode e deve assumir o controle da produção. A libertação da classe trabalhadora, segundo Marx, é tarefa exclusiva da classe trabalhadora.

Kautsky e Lênin, principais fontes de sabedoria da Segunda Internacional Socialista e da Terceira Internacional Comunista, respectivamente, discordavam de Marx. Eles sustentavam que, por si só, a luta da classe trabalhadora nunca poderia ir além da estrutura do capitalismo; que, por si só, os trabalhadores só fariam exigências

"sindicais". Os trabalhadores só poderiam alcançar a "consciência revolucionária" se ela fosse levada a eles por intelectuais da classe média. Lênin cita Kautsky com aprovação sobre esse ponto em **What is to be Done?**¹ Lukacs concorda; ele escreve no prefácio da nova edição (1967) que, com seu conceito de "consciência de classe", ele quis dizer a mesma coisa que Lênin "quando sustentou que a consciência de classe socialista... seria implantada nos trabalhadores 'de fora', ou seja, 'de fora da luta econômica e da esfera das relações entre trabalhadores e empregadores'". **History and Class Consciousness**² é essencialmente uma nova justificativa para essa posição. Lukacs ressalta que, sob o capitalismo, as coisas não são o que parecem. Um exemplo disso é o "fetichismo das mercadorias" analisado por Marx, em virtude do qual os trabalhadores experimentam os produtos de seu próprio trabalho como algo independente e antagônico a eles mesmos. Lukacs expande essa noção: embora, na verdade, todos os fenômenos sociais sejam produtos da atividade das pessoas, eles aparecem para elas como forças estranhas e alheias. A partir disso, Lukacs conclui que a classe trabalhadora é incapaz de alcançar uma concepção verdadeira de sua posição na sociedade por si mesma; essa concepção deve ser trazida a ela pela intervenção do Partido Comunista.

O primeiro aspecto a ser observado sobre essa posição é sua oposição à teoria marxiana da consciência. Para Marx, as ideias surgem das relações e condições sociais reais. Lukacs parece usar essa abordagem para explicar por que a classe trabalhadora é incapaz de formar uma concepção verdadeira de sua posição na sociedade. Mas quando ele tenta formular os meios pelos quais a consciência revolucionária pode ser alcançada, ele recai em uma solução totalmente idealista - a sabedoria superior do partido, que presumivelmente vê tudo e sabe tudo. De fato, se tirarmos o disfarce marxista, podemos ver na concepção de Lukacs do partido que compreende a história em sua totalidade - o filósofo hegeliano que compreende a história em sua totalidade e, portanto, descobre sua "verdade"! Não é de se surpreender que os leninistas mais ortodoxos tenham se sentido constrangidos com a defesa de Lukacs - ela expôs seu próprio abandono do marxismo de forma muito clara.

No entanto, Lukacs colocou seu dedo em um dos problemas mais importantes da teoria revolucionária - como as pessoas chegam a compreender a base social de suas

¹ "O que Fazer?" Ou "Que fazer?" de Lênin. Há traduções pela editora Boitempo, Hucitec, Expressão Popular, Seara Vermelha etc. [Nota do Tradutor. NT]

² História e Consciência de Classe de Lukács. Há uma tradução pela editora Elfos. [NT]

situações individuais. Pois é indiscutivelmente verdade que, na sociedade capitalista, os problemas de nossa vida são, a princípio, vivenciados como problemas particulares, e não como produtos da organização da sociedade como um todo. Como resultado, buscamos inicialmente soluções individuais e parciais, em vez de uma reconstrução revolucionária de toda a sociedade.

Para entender como essas abordagens podem mudar, temos que analisar por que as pessoas têm algumas ideias em vez de outras. As ideias, na medida em que são relevantes para a ação, são essencialmente mapas do ambiente e planos de como operar nele. Em geral, elas são aceitas ou rejeitadas com base em quão bem as previsões baseadas nelas permitem que as pessoas funcionem no mundo. Assim, por exemplo, enquanto as pessoas tiverem que lidar com o capitalismo como indivíduos, ideias absurdas e fetichistas como "o poder do dinheiro" são úteis, na verdade essenciais, para a sobrevivência; qualquer um pode ver que não se pode comer dinheiro, mas tente alimentar uma família sem ele. Por outro lado, as ideias sobre a transformação geral da sociedade são de pouca utilidade para as pessoas em suas vidas diárias até que elas se juntem a outras como parte de uma força social potencialmente capaz de realizá-las.

Isso ajuda a explicar por que, em tempos normais, a classe trabalhadora não exhibe "consciência revolucionária". Quando o capitalismo está funcionando bem, as ideias revolucionárias podem ser mais um empecilho do que uma ajuda para a vida. As ideias mais conservadoras podem estar cheias de distorções e contradições, podem até mesmo entrar em conflito com fatos conhecidos, mas elas fornecem pelo menos alguma orientação para as atividades do dia a dia - ganhar a vida, manter uma casa, ficar longe de problemas. De fato, até certo ponto, as pessoas podem se apegar ainda mais a ideias antigas quando elas começam a fracassar; é natural considerar que até mesmo um guia de ação ruim é melhor do que nenhum, especialmente se tiver funcionado no passado.

Mas se o capitalismo incentiva essa adaptação individual, ele gera simultaneamente um processo que tende à direção oposta. Esse é o ponto que Lukacs ignora: o fato de que o próprio desenvolvimento da luta da classe trabalhadora supera a fragmentação da sociedade burguesa. Marx deixa esse processo bem claro já no **Manifesto Comunista**. No início, os trabalhadores "formam uma massa incoerente espalhada por todo o país e fragmentada por sua competição mútua". Por causa de sua opressão, começa a luta de classes, realizada primeiro por "trabalhadores individuais,

depois pelo pessoal de uma fábrica, depois pelos operários de um comércio, em uma localidade...". Ganhando ou perdendo, "o verdadeiro fruto de sua batalha está ... na união sempre crescente dos trabalhadores".

É esse processo de formação de classe que fornece a solução para o problema levantado por Lukacs. Pois essa luta em si constitui uma série de experimentos sociais por meio dos quais a classe trabalhadora esclarece para si mesma a estrutura real da sociedade e a natureza real dos problemas que enfrenta. No início, os trabalhadores individuais tentam resolver seus problemas individualmente e fracassam; logo percebem que precisam cooperar com aqueles com quem trabalham para conquistar algo. Esses grupos, por sua vez, percebem que precisam apoiar uns aos outros ou serão derrotados um a um. Aos poucos, fica claro que os trabalhadores são impotentes quando estão isolados, mas que quanto mais cooperam, mais fortes se tornam. A fragmentação criada pelo capitalismo é superada no ponto em que os trabalhadores individuais percebem que seus problemas individuais são os problemas da classe como um todo e só podem ser eliminados se forem resolvidos pela classe como um todo.

Esse processo pode ser observado empiricamente em vários níveis diferentes. Por exemplo, o clássico de E.P. Thompson, **Making of the English Working Class**³, mostra como, em um período de quarenta anos, os trabalhadores ingleses deixaram de pensar em si mesmos como um conjunto de indivíduos e grupos díspares para se verem como **a classe trabalhadora**. Em outro nível, Rosa Luxemburgo, em **The Mass Strike**⁴, mostra como, durante a revolução russa de 1905, os trabalhadores de regiões inteiras entraram em greve para protestar contra a demissão de um único trabalhador, enquanto alguns meses antes eles haviam ficado apáticos diante dos ataques mais extremos; nas intensas lutas que se seguiram, eles passaram a ver a relação entre sua própria posição e a de todos os outros trabalhadores - da classe trabalhadora como um todo. Apesar de todo o seu discurso sobre a práxis, Lukacs está tão preocupado com a práxis do partido que não consegue entender o desenvolvimento real da práxis da classe trabalhadora - como as condições da classe trabalhadora a forçam a agir e como essa ação e seus resultados fornecem a base para a compreensão da posição dos trabalhadores na sociedade.

³ A Formação da Classe Operária Inglesa de E.P. Thompson. A obra abarca três (3) volumes e possui tradução pela editora Paz & Terra. [NT]

⁴ Greves de Massas, Partido e Sindicatos de Rosa Luxemburgo. Há traduções pelas editoras Kairós e Centelha. [NT]

Há outro lado desse processo de esclarecimento por meio da própria luta de classes. Em um primeiro momento, as várias instituições da sociedade capitalista parecem operar de forma independente e até mesmo em conflito umas com as outras - outra das mistificações da sociedade burguesa. Os vários empregadores, os diferentes estratos do capital, o Estado, o exército, as escolas e as igrejas, todos parecem estar em conflito uns com os outros. Os trabalhadores parecem ser apenas mais um desses grupos. No entanto, à medida que a luta de classes se intensifica, ocorre uma polarização da sociedade. Em uma situação revolucionária, quando a classe trabalhadora ameaça assumir o controle dos meios de produção e administrá-los ela mesma, todas as forças que querem perpetuar uma sociedade de classes se unirão contra ela. Os empregadores, o Estado e seus aliados perdem a aparência de diversidade e se revelam como a força que mantém as atuais relações sociais e a atual miséria social. E isso sem qualquer tutela dos trabalhadores por qualquer fonte de sabedoria "de fora".

É claro que essas situações não ocorrem todos os dias. Durante os longos períodos em que a luta de classes é silenciada ou suprimida, quando a classe trabalhadora parece integrada ao capitalismo, é difícil até mesmo imaginá-las. Mas o desejo mágico do Partido e seu conhecimento superior não são úteis para afastar essa situação. Pois se os argumentos do partido forem realmente revolucionários, eles não terão utilidade prática e farão pouco sentido para a maioria dos trabalhadores e assim, o partido continuará sendo apenas uma seita isolada. A história tem mostrado que, para evitar esse destino, a maioria dos partidos auto-proclamados revolucionários na prática se tornam reformistas, independentemente de sua retórica, o que se torna uma barreira para o próximo levante revolucionário.

O que a classe trabalhadora precisa em um período não-revolucionário não é a tutela sofisticada de intelectuais radicais que lamentam a incapacidade dos trabalhadores, mas uma noção de como suas lutas imediatas se relacionam com a luta histórica de longo prazo da classe trabalhadora para assumir o controle da produção. Essa relação é extremamente difícil de ser compreendida como um argumento intelectual abstrato, por mais brilhantes que sejam os intelectuais que o apresentam. Mas, como Georges Sorel aponta em suas **Reflexões sobre a Violência**⁵, ela pode ser vista de forma clara e vívida se pegarmos as greves atuais e outras lutas de classe e

⁵ Há uma tradução pela editora Vozes. [NT]

imaginarmos seu desenvolvimento em uma greve geral e uma guerra geral contra o capitalismo. A revolução pode ser melhor entendida como a expansão e a conclusão da luta diária dos trabalhadores contra sua opressão imediata. Essa luta universalizada é a totalidade que a classe trabalhadora deve compreender. Uma consciência baseada nela supera todos os problemas de "consciência reificada" levantados por Lukács ao apresentar sua solução - as pessoas assumindo o controle consciente de sua atividade social. Se até mesmo essa consciência é difícil de manter durante os períodos de paz social, não deveríamos esperar mais sucesso com a dialética sutil da revelação da reificação de Lukács.

Em uma situação revolucionária, a "consciência revolucionária" se desenvolve diretamente a partir do problema prático que a classe trabalhadora enfrenta, ou seja, a oposição unificada dos capitalistas, do Estado e de seus aliados. É a antiga classe dominante que apresenta aos trabalhadores a escolha entre se submeter ou assumir o controle da sociedade, em outras palavras, que os leva a serem revolucionários. Assim, na Rússia, em 1917, os proprietários das fábricas tentaram quebrar o ímpeto dos trabalhadores por "reivindicações imediatas" declarando bloqueios em massa; os trabalhadores responderam assumindo o controle das fábricas e dirigindo-as eles mesmos. Essa ação - a essência da revolução socialista - não exigiu a tutela de um partido revolucionário: ela surgiu da situação prática em que os trabalhadores se encontravam. De fato, até mesmo o partido mais radical, os bolcheviques, se opôs à administração da produção pelos trabalhadores e, por fim, conseguiu destruí-la. Na Itália, em 1920, foi também uma contra-ofensiva da gerência na forma de um *lockout* que desencadeou as grandes ocupações de fábricas e a reabertura da produção sob a direção dos trabalhadores. Os socialistas também se opuseram a esse desenvolvimento. O papel altamente elogiado do socialista dissidente Gramsci foi essencialmente esclarecer o significado do que os trabalhadores de Turim já estavam fazendo, argumentando que seus comitês de fábrica poderiam de fato se tornar as células de uma nova sociedade. Na Espanha, a revolta dos generais e sua tentativa de suprimir a classe trabalhadora forçou a classe trabalhadora a assumir o controle da produção e a combater a revolta com a força armada. Em todos esses casos, podemos ver que o salto da luta dentro do capitalismo para a luta contra o capitalismo não vem dos ensinamentos de um partido revolucionário, mas dos problemas práticos enfrentados pela própria classe trabalhadora. Pelo menos nesse aspecto, a história confirma a teoria de Marx e refuta a

visão de Lukács de que a "consciência revolucionária" é impossível sem a educação dos trabalhadores por um partido revolucionário.

Lukács dá uma pista importante sobre a origem de sua posição em seu ataque de 1922 à "Crítica da Revolução Russa"⁶, de Rosa Luxemburgo. O erro dela ao avaliar a Revolução Russa, argumenta ele⁷, "consiste na **superestimação** de seu caráter puramente proletário", "na **subestimação** da importância dos elementos não proletários na revolução" e na consequente "**subestimação do papel do partido na revolução**". Uma vez que a revolução dependia tanto do campesinato e da classe média baixa quanto da classe trabalhadora, a consequência era que somente um partido revolucionário poderia reunir e liderar esses elementos díspares. É claro que isso é idêntico à análise de Lênin sobre as forças de classe na Rússia. Isso revela como a teoria de Lukács - na verdade, o próprio leninismo - estava intimamente ligada às condições subdesenvolvidas do capitalismo na Europa Oriental. A inadequação dessa política nos países industrializados da Europa Ocidental foi o ponto defendido pelos comunistas de esquerda que foram expulsos da Terceira Internacional e contra o qual Lênin escreveu seu panfleto **Comunismo de esquerda, um distúrbio infantil**.⁸ O leninismo foi, em essência, um abandono da revolução da classe trabalhadora, tanto na teoria quanto na prática, em favor de uma aliança de elementos sociais díspares - muitos dos quais não tinham interesse no governo da sociedade pela classe trabalhadora - liderados pelo partido comunista.

Em uma época em que o imperialismo impossibilitou o desenvolvimento do capitalismo privado nos países atrasados, essa provou ser uma fórmula pela qual muitas nações conseguiram alcançar o desenvolvimento por meio do capitalismo de Estado. Mas isso tem muito pouco a ver com o socialismo - a direção do processo de produção pelos próprios produtores. Somente o socialismo foi e é revolucionário para os países industrialmente avançados - de fato, o capitalismo de Estado foi a solução reacionária para os problemas do capitalismo, como revelou a ascensão do fascismo.

⁶ Há uma tradução pela editora Vozes. [NT]

⁷ Um debate sobre este ensaio (mas que assume uma posição favorável à Lukács) você encontra aqui:

<https://blogdaboitempo.com.br/2017/10/31/a-critica-de-lukacs-a-rosa-luxemburgo-especial-revolucao-russa/> [NT]

⁸ Há várias editoras e se adotam dois títulos: Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo escreba, expressão popular ou A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo pela editora Vitória. [NT]

De forma ainda mais concreta, a teoria de Lukács reflete as condições da "Revolução" húngara de 1919, na qual ele desempenhou um papel de liderança e alcançou a posição tutorial suprema de Comissário da Educação. Uma greve geral dos trabalhadores levou ao colapso da monarquia e foi seguida por uma república burguesa inepta. Quando o novo governo, por sua vez, entrou em colapso, Béla Kun e seu pequeno grupo de quadros comunistas entraram no vácuo e declararam uma República Soviética, em aliança com o Partido Socialista. Eles operaram completamente de cima para baixo, estabelecendo um governo com seus próprios funcionários, promulgando uma constituição e emitindo uma infinidade de diretrizes para nacionalização e reforma - bem ao estilo de déspotas benevolentes. Aparentemente, as massas não gostaram. Em seu discurso de capitulação no final de seu governo de 133 dias, Béla Kun atribuiu o colapso de seu governo ao abandono dos líderes pelas massas, que, segundo ele, não tinham consciência de classe revolucionária. Podemos ver essa experiência de possíveis líderes revolucionários não apreciados pelas massas recapitulada em uma forma teórica sofisticada no livro de Lukács.

Isso nos leva a uma consequência final das premissas não marxianas de Lukács. Marx postula que são suas condições e relações sociais reais que determinam a consciência das pessoas. Se isso for verdade, então qualquer grupo que esteja separado da classe trabalhadora em suas condições de vida desenvolverá ideias e interesses que surgem de suas próprias situações e necessidades, em contraste com as da própria classe trabalhadora. Exemplos desse processo são descritos em detalhes em **Political Parties (Partidos Políticos)**⁹, de Robert Michels. Isso pode ser visto na consistência com que os partidos revolucionários auto-proclamados seguiram seus próprios interesses, seja apoiando governos capitalistas ou se estabelecendo como uma nova classe dominante. Pelo menos nesse ponto, a teoria marxiana parece ser confirmada pelas evidências históricas. Aqueles que desejam formar um partido revolucionário "real" sem os defeitos e as corrupções dos antigos: por favor, tomem nota.

Lukács parece considerar o partido revolucionário como imune a esse processo devido a pureza de suas ideias. Por ser capaz de compreender a totalidade, ele pode apontar os interesses da classe trabalhadora como um todo. Aqui, mais uma vez, sob o disfarce do marxismo, podemos ver o filósofo idealista, que não tem interesses próprios

⁹ Há traduções pela editora UnB e a editora Senzala. [NT]

e, portanto, pode ver os interesses do todo. Mas uma das funções do marxismo é justamente desmascarar essas ilusões - mostrar os interesses sociais específicos que estão ocultos por trás dessas formulações. Pois toda classe dominante proclama que seu governo não reflete seus próprios interesses, mas o bem geral. Devemos aplicar os postulados marxianos ao próprio Lukács e ao leninismo que ele defende.

Sob essa luz, a teoria de Lukács é claramente revelada como um argumento brilhante para o controle da sociedade por uma minoria "iluminada" de radicais organizados. Para eles, ela fornece as duas grandes justificativas necessárias a qualquer grupo governante: que somente ele tem o entendimento necessário para dirigir a sociedade e que as massas são incapazes de dirigir a sociedade por si mesmas. Assim, sua teoria não apenas lisonjeia os intelectuais radicais, mas fornece uma desculpa perfeita para que eles próprios tomem o poder - naturalmente "para o bem" de uma classe trabalhadora "ignorante demais" para conhecer seus próprios interesses. Embora a teoria de Lukács nunca possa ter apelo de massa, ela é perfeitamente adequada para ser a fé do grupo, a "doutrina esotérica" daqueles que, em um momento de crise social, podem muito bem seria "última e melhor esperança" da sociedade de classes.